

06 Cabo
18/12/98 p. 7
7

O segundo assassinato de Chico Mendes

OSMARINO AMÂNCIO RODRIGUES e CARLOS WALTER PORTO GONÇALVES

Construir o nosso caminho não foi nada fácil. Além da violência dos que matam e desmatam no Brasil, tivemos que superar muitos problemas. Sob o comando de Chico fomos, pouco a pouco, aprendendo a somar forças, a derrubar não matas, mas preconceitos.

Da luta sindical, da luta pela reforma agrária aprendemos, na prática, que os povos indígenas eram nossos aliados. A Aliança dos Povos da Floresta é hoje um fato.

Não paramos aí. Começamos a entender que nossa luta não interessava só a nós mesmos, mas a todos os brasileiros. E mais, a todo mundo. A ecologia, que era uma palavra estranha para nós, foi sendo pouco a pouco assimilada, e vimos que só a palavra era estranha, pois nossa prática já incorporava essas preocupações.

Seubemos passar da luta sindical local para um plano regional — Conselho Nacional dos Seringueiros e Aliança dos Povos da Floresta — além de buscarmos consolidar nossa relação no plano nacional com os demais trabalhadores brasileiros através da Central Única dos Trabalhadores — CUT — que foi a primeira entidade nacional a incorporar a proposta das reservas extrativistas no seu plano de lutas políticas.

Tem gente ainda hoje que não consegue entender que a reserva extrativista é a nossa proposta de reforma agrária adaptada para a Amazônia, e que é inseparável de uma reforma agrária real no Brasil como um todo. É preciso conter a migração para a Amazônia e, por isso, é uma ilusão acreditar que a demarcação das reservas extrativistas, sem uma real democratização do acesso à terra no resto do Brasil, poderá ser uma alternativa para a nossa região.

É isso não só do nosso ponto de vista de habitantes da Amazônia. O acesso à terra na própria área de origem do trabalhador rural se justifica tanto do ponto de vista social como ecológico. É que ali ele conhece a terra, os rios, as plantas e os bichos. Ali ele desenvolve uma cultura junto com seus parentes e vizinhos, e isso precisa ser levado em conta quando se discute reforma agrária ou ecologia no Brasil. É isso que nos leva a uma aproximação concreta com os sem-terra, com os atingidos por barragens, com os brasiguaiós, com as mulheres quebradeiras de Coco do Maranhão.

Foi na prática que nos aproximamos desses movimentos que lutam pela terra, por justiça social e que também começam a entender a importância da questão ambiental.

Percebemos ainda que, apesar dos grandes avan-



ços obtidos pelos movimentos sociais no Brasil, também era grande o descaso das autoridades para com nossas bandeiras e reivindicações. Fomos buscar lá fora nossos aliados, principalmente entre os ecologistas europeus e americanos.

Através deles chegamos até o Banco Mundial, onde denunciamos o que se fazia no Brasil com os empréstimos obtidos inclusive em nome da preservação ambiental e da demarcação das terras indígenas, como foi o caso da BR 364, trecho Cuiabá-Porto Velho. Conseguimos desmascarar perante a opinião pública mundial a farsa das nossas autoridades.

Toda essa luta tem nos custado muito caro. Há 18 anos perdemos nosso companheiro Wilson Pinheiro, o criador dos "empates" em 1976. De lá para cá muitos outros tombaram: Ivair Higino, Jesus Matias, Fontelles, Josimo, Chico Mendes e Canuto, além dos

massacres de Corumbiara e de Carajás, ainda impunes.

O nome do nosso companheiro Chico Mendes foi elevado tão alto que parece que ele não pertenceu a esse mundo onde nós continuamos a viver do mesmo modo que ele viveu, sofreu, lutou e... morreu.

Hoje em dia, vejo que a ecologia ocupa grandes espaços na imprensa, mas de um jeito muito estranho e distante de nós. Lembramos de Chico Mendes contando que um repórter do jornal "O Estado de S. Paulo", em 1988, se retirara de uma entrevista coletiva porque ele falava de problemas da terra, de ameaças contra a vida dele e que isso não era ecologia e sim luta política e sindical.

Já que falam tanto que Chico era um ecologista, por que ele foi o primeiro ecologista assassinado no Brasil? Hoje muita gente se diz ambientalista e fala

de Chico Mendes sem ter a visão ampla que Chico teve de não separar a luta social da luta ecológica. É como se cometessem um segundo assassinato do Chico.

Pouco tempo atrás, algumas entidades ambientalistas recusaram a participação da CUT em fóruns de debates da questão ambiental. Não sabem, ou não querem saber, que foi a CUT a primeira entidade política nacional a levantar a bandeira das reservas extrativistas e da qual Chico era dirigente.

Chico teve essa grande qualidade de somar, de superar preconceitos. Não queremos que se quebre essa aliança entre os que lutam por justiça social e pela ecologia. Esse é um compromisso que Chico nos deixou e que honramos.

O que não queremos é um ambientalismo vazio, que fala de defesa da natureza se esquecendo do homem; que fala de defesa da floresta se esquecendo dos povos da floresta. Esta é a nossa contribuição de brasileiros para o movimento ambientalista mundial: defesa da natureza e justiça social são inseparáveis.

Os seringueiros se tornaram ambientalistas sem deixar de serem seringueiros, de serem sindicalistas e de lutarem pela terra e pela reforma agrária junto com os índios e outros cidadãos brasileiros.

Devemos buscar alianças internacionais sem nunca deixar de fortalecer nossas alianças aqui no Brasil contra esse modelo de desenvolvimento injusto e devastador.

Algumas vezes temos deixado de lado o fortalecimento dos nossos vínculos internos, atraídos também por ajuda material que lá de fora muitas entidades têm-nos oferecido. Não se deve recusar essa ajuda. Mas se não tivermos lucidez política, os dólares e a ajuda material não adiantam nada.

Por exemplo: precisa-se comprovar a viabilidade das reservas extrativistas como uma alternativa de desenvolvimento para a Amazônia. Mas será que uma reserva extrativista pode ser uma ilha de progresso cercada de miséria e injustiça por todos os lados?

É necessário que se fortaleça a aliança com os ambientalistas sem que se tenha de perder as características próprias de trabalhadores que querem uma sociedade onde a ecologia seja uma das bases, e onde se possa viver com dignidade, justiça social e gozar de tudo de bom que o conhecimento, a ciência e a tecnologia possam dar. Eis o legado de Chico.

OSMARINO AMÂNCIO RODRIGUES foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília/Acre e secretário do Conselho Nacional dos Seringueiros; CARLOS WALTER PORTO GONÇALVES é presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e professor-adjunto da UFF.